

***Pseudo e teca* na formação de palavras em Português**

Mafalda FRADE¹

Resumo: Esta investigação tem por objetivo analisar o processo de formação de palavras em português europeu contemporâneo a partir de elementos neoclássicos, mais concretamente o uso de duas formas oriundas do grego – *pseudo* e *teca*. Pretendemos, através dela, verificar as propriedades que estes dois elementos apresentam, em português contemporâneo, no sentido de verificar se podem ser classificados como simples elementos de composição de formas eruditas ou se, pelo contrário, apresentam características que os aproximam dos afixos, situando-se, assim, entre a composição propriamente dita e a derivação. Assim, questionaremos se estamos perante processos de composição em português ou se, por perda de autonomia da forma de origem, nos encontramos perante mudanças no *continuum* morfológico que estão a provocar o aparecimento de formações com características derivacionais. Para apoiar a nossa investigação, depois de uma breve digressão sobre o modo como estas formas foram tratadas em dicionários e gramáticas, em que procuramos obter dados sobre o ponto de vista diacrónico, deter-nos-emos brevemente sobre os processos de composição e derivação. Após esta análise, observaremos vocábulos retirados de bases de dados textuais como o CETEMPúblico ou o Corpus Davies/Ferreira, no sentido de verificar se o comportamento que estas formas assumem no português europeu contemporâneo está ou não em consonância com as características que lhes têm sido tradicionalmente atribuídas.

Palavras-chave: composição, derivação, formação de palavras.

Abstract: The goal of this investigation is to analyze the process of word formation in contemporary European Portuguese from neoclassical elements, specifically the use of two Greek forms – ‘pseudo’ and ‘teca’. We intend, through it, to check the properties that these two elements assume in contemporary Portuguese, in order to verify whether they can be classified as simple compositional elements or whether they assume characteristics that are typical from affixes, standing, thus, between the processes of compounding and derivation. Thus, we will question whether we are dealing with processes of compounding in Portuguese or if we are facing morphological changes that are causing the appearance of forms with derivational characteristics. After this, we will examine the treatment of these forms in dictionaries and grammars, in order to obtain diachronic data and will briefly observe the processes of derivation and compounding. Afterwards, we will analyze words taken from two databases - CETEMPúblico and Corpus Davies/Ferreira – in order to verify if the behavior of these forms is or is not in line with the characteristics they have traditionally been assigned.

Keywords: compounding, derivation, word formation.

¹ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) – Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL) – Portugal. Apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia: SFRH/BPD/47528/2008. Correio eletrónico: mmfrade@fcs.unl.pt

Pretendemos, com esta investigação, compreender os mecanismos de construção de palavras em português que se relacionam com o uso de formas oriundas da língua grega, nomeadamente *pseudo-* e *-teca*. Note-se que, a este nível, é possível questionar se estamos perante processos de composição em português europeu ou se, por perda de autonomia da forma de origem grega, nos encontramos perante mudanças no *continuum* morfológico que estão a provocar o aparecimento de características derivacionais.

Neste sentido, procuraremos analisar o tratamento que é dado a estas formas por dicionários e gramáticas tradicionais, averiguaremos o que defendem as gramáticas históricas e observaremos o comportamento assumido por estas duas formas no português europeu contemporâneo. Neste processo, serão utilizados dados recolhidos do *CETEMPúblico* (base de dados de textos jornalísticos), embora em alguns casos, explicitamente referidos, tenhamos procedido à recolha de palavras no *Corpus Davies/Ferreira*.

A formação de palavras a partir de elementos gregos: os estudos

Uma análise das gramáticas históricas portuguesas permitiu-nos detetar algumas diferenças a nível das ideias sobre a influência de formas gregas na construção de palavras em português. Assim, gramáticas como as de Ismael Coutinho (1938), Silva Júnior (1878), Pereira (1935), Sequeira (1938) e Vasconcelos (1900) apresentam listas bastante completas de formas gregas que foram/são utilizados na construção de palavras, ao passo que gramáticas como as de Mattoso Câmara (1975), Carolina Michaelis ([1946] s.d.), Nunes (1989) e Silva Júnior (1878 e 1887) referem com algum detalhe, mas de forma não exaustiva, a existência de formas com esta origem. As restantes – Ali (1964), Horta (s.d.), Huber (1986), Mota (1937), Reinhardstoettner (1878), Braga (1876), Leite de Vasconcelos (1911/1959), Williams (1961), Martins (s.d.) e Nascentes (1929) – não apresentam um estudo sistemático destas formas, limitando-se, apenas em alguns casos, a referir a origem grega de algumas formas quando elas são mencionadas.

Note-se ainda que a nomenclatura utilizada varia e que há formas que são referidas como pertencendo ao conjunto dos compostos

gregos (PEREIRA, 1935; COUTINHO, 1938; SILVA JÚNIOR, 1878) ou à composição com elementos gregos (COUTINHO, 1938) e erudita (SEQUEIRA, 1938), assumindo nomes como 'radicais' ou 'elementos gregos', 'prefixos', 'sufixos', 'determinados' ou 'vocábulos de origem grega'.

Nas gramáticas tradicionais e dicionários etimológicos, a situação não é muito diferente e há referências, por exemplo, a 'radicais gregos', a 'pseudoprefixos' ou 'prefixoides' (CUNHA/CINTRA, 1984), a 'elementos de composição culta' (MACHADO, 1977), a 'elementos prefixados' (COROMINAS, 1984), 'antepositivos' ou 'pospositivo' (HOUAISS, 2003)².

Nota-se, assim, aqui, uma variação que não deixa de nos chamar a atenção e nos permite pensar até que ponto os processos de formação de palavras em português são claros.

Este problema colocou-se desde há bastante tempo e encontra-se referido em várias gramáticas históricas: Vasconcelos (1900) refere a existência de composição e derivação erudita, Pereira (1935) assume que existem compostos eruditos e outros formados segundo o mesmo modelo, Nunes (1989) invoca a existência de elementos que apresentam a função de prefixos. Mais recentemente, Câmara (1975) invoca que a língua portuguesa se afastou do processo de composição latina tradicional³; Marchand (1969) considera que os elementos neoclássicos devem ser considerados formas presas que são prefixos quando ocorrem junto de uma base livre (como *geoestatística*) e temas quando ocorrem junto de bases presas (como *geometria*); Villalva e Mateus (2003) consideram que a composição está estreitamente ligada à presença de radicais simples (como *raticida*) ou complexos (como *luso-brasileiro*) que se concatenam por intermédio de uma vogal de ligação, fazendo uma distinção entre compostos morfológicos e sintáticos. Em outras línguas, a situação também não é clara: Val Álvaro (1999) refere a existência de compostos léxicos e sintagmáticos, consoante combinam duas palavras (como *pelirrojo*) ou compreendem uma estrutura sintática que expressa um conceito unitário (por exemplo, *fin de semana*); Fabb (2001, p.2-3) considera a existência de *synthetic compounds*, *incorporation compounds*, *repetition compounds* e *compounds which*

² Nascentes faz referência a compostos relacionados com estes elementos, mas não os classifica.

³ Ver CAETANO, 2010.

contain bound words; Lieber (2005, p. 375-379) refere dois tipos de compostos, os *root compounds* (ou *verbal, deverbal, verbal nexus compounds*) e os *synthetic compounds* (ou *primary compounds*)⁴.

Por esta breve digressão por alguns estudos, conseguimos compreender, então, que não há consonância, entre os diversos autores, relativamente à forma como devemos tratar os processos de formação de palavras no português, dependendo este tratamento dos critérios (semânticos, sintáticos, lexicais, etc.) que cada um estabelece para a sua análise. Em termos morfológicos, estamos, assim, perante a existência de uma situação ainda indefinida e muito marcada por diferenças terminológicas, embora a existência de processos de composição e de derivação não esteja em causa.

A formação das palavras em português

Em termos tradicionais, considera-se que os processos mais produtivos de formação de palavras em português são essencialmente dois: a derivação e a composição⁵. Vejamos algumas características básicas.

A composição

De forma geral, e partindo das gramáticas históricas do português, podemos definir a composição como uma "união, mais ou menos estável, de dois ou mais elementos que designam uma noção única (CAETANO, 2010, p. 85-86) ou como "um processo de formação de palavras que consiste na concatenação de duas ou mais variáveis lexicais, que podem ser radicais ou palavras" (VILLALVA, 2003, p. 971).

Nos processos de composição encontra-se um conjunto especial de vocábulos, formados a partir de radicais gregos e latinos, a que se chama, de forma tradicional, 'compostos eruditos', embora prefiramos o termo 'elementos neoclássicos'⁶. Neste processo específico, os elementos têm características próprias: são formados a partir de elementos gregos e latinos, que se associam entre si em muitos casos

4 Ver Caetano (2010 e 1995, p. 523-524) para uma análise exaustiva das diversas denominações e divisões apresentadas.

5 Há também outros processos, como o de conversão, mas não são tão produtivos. Ver Mateus (1990, p. 413-448).

6 Caetano (2010).

(*filosofia, fonologia, zootecnia, columbofilia*, etc.), ao contrário do que sucede com prefixos e sufixos (que não se combinam entre si); não têm autonomia sintática, sendo, por isso, considerados elementos presos; têm um conteúdo lexical forte; o seu lugar, na estrutura da palavra, pode variar (*antropologia/filantropia, democracia/epidemia*, por ex.); e formam tanto vocábulos pertencentes à linguagem técnico-científica como palavras de uso corrente.

Diferem, assim, de prefixos e sufixos, sobre cujas características nos deteremos brevemente.

A derivação

No geral, podemos entender a derivação como um processo de formação de palavras em que “a posição de núcleo é ocupada por um radical complexo, formado por um afixo derivacional, que é o núcleo dessa sub-estrutura morfológica deste radical encaixado, e pelo seu complemento, que pode ser um radical, um tema ou mesmo uma palavra” (VILLALVA, 2003, p. 943).

A derivação prefixal

Os prefixos são tendencialmente monossémicos ([in[X]] = <não X>: ilegal = não legal), ocupam o lugar à esquerda da base, na estrutura interna da palavra, e intervêm em menor grau na determinação das propriedades desta, na medida em que não afetam o seu acento principal (*moral/imoral*), a categoria sintática (*contar_v/descontar_v*) ou propriedades morfológicas como o género ou o número (*construção_[+fem,+sing]/desconstruções_[+fem,+pl]*)⁷.

No entanto, operam alterações semânticas da base (*confiar* ≠ *desconfiar*) e podem provocar modificações na estrutura de subcategorização da mesma (*recordar alguém/discordar de alguém*). Em casos raros podem permitir fenómenos de recursividade e tendencialmente selecionam apenas uma categoria sintática como base, embora possam selecionar bases de diferentes categorias, desde que partilhem traços sintáticos (*bem-disposto_[+N,+V]/bem-querer_[-N,+V]*). Em casos mais raros, há prefixos que podem selecionar bases com categorias sintáticas diferentes (como *predefinir_[-N,+V]/pretónico_[+N,+V]*).

⁷ Villalva, 2003, p. 941-942, 963-965.

preconceito_[+N,-V]).

A derivação sufixal

Os sufixos, por seu turno, não possuem autonomia, na medida em que são morfemas presos, ocupam o lugar à direita da base, e, na estrutura interna da palavra, são responsáveis por várias alterações, nomeadamente a nível do acento principal (*porta/portada*)⁸, da categoria sintática da base (*belo_{ADJ}/beleza_N*) e de propriedades morfológicas como o género ou o número (*medicação_[+fem,+sing]/ medicamentos_[+masc,+pl]*)⁹.

Tendencialmente monossémicos, podem também provocar alterações semânticas na base (*supressão ≠ supressor*) e intervêm na sua estrutura de subcategorização, influenciando-a (utilizar *algo/a* utilidade *de algo*) e sofrendo influências¹⁰. Por fim, podemos ainda dizer que permitem fenómenos de recursividade (*pequeno – pequenino – pequenininho*) e sofrem fenómenos de alomorfia (*inteligível – inteligibilidade*) e truncamento (*gatarrão – homenzarrão*), podendo também desencadeá-los (alomorfia: *cão – canil; amigo – amizade*; truncamento: *episódio – episódico; caloria – calórica*).

A formação de palavras com *pseudo* e *teca*

O problema

Há vários casos de compostos eruditos que, por se terem generalizado, tendem a não ser reconhecidos pelos falantes como palavras compostas. É o caso, por exemplo, de compostos em *-filo*, *-fero* ou *-voro* (*cinéfilo, mortífero, carnívoro*): “é muito duvidoso que para o falante comum (...) constituam palavras compostas, sendo mais provável que os analise (intuitivamente) como palavras derivadas por sufixação.” (CARVALHO, 1984, p. 524)¹¹. O mesmo acontecerá com elementos iniciais como *vin(i)-* ou *vit(i)-* (*vinicultor, viticultor*)¹².

Há, assim, elementos que tendencialmente levantam problemas a

8 Note-se que há sufixos – como *-mente* ou *-zinho* – que não desencadeiam esta modificação, permitindo a coexistência de dois acentos: *enormemente, levezinho* (MATEUS, 1990, p. 438).

9 Villalva, 2003, p. 941-951.

10 Ver Mateus (1990, p. 441): O sufixo «*vel*, por exemplo, associa-se a verbos que subcategorizam obrigatoriamente um complemento»: *beber algo – bebível; sorrir – *sorrível*.

11 Ver também Caetano (2010).

12 *Ibidem*.

este nível, na medida em que, apesar de serem vocábulos com autonomia semântica perceptível e de possuírem características específicas dos compostos, como serem formados a partir do grego ou latim (caso de *pseudo*, por exemplo), manifestam algumas características específicas de prefixos ou sufixos, pelo que parecem encontrar-se numa situação intermédia entre a composição e a derivação.

Neste âmbito, Carvalho (1984, p. 554) afirma, a propósito de alguns elementos prefixados, que eles se distinguem dos restantes por possuírem uma significação que os falantes são capazes, conscientemente, de delimitar, compreendendo-os como entidades que são dotadas de autonomia. Esta compreensão é perceptível, por exemplo, a nível ortográfico, já que alguns falantes operam uma separação clara entre o elemento prefixado e a palavra a que se associa através de um hífen ou de um espaço, caso, por exemplo, de *mini caldo de carne* (DUARTE, 1999, p. 347).

Assim sendo, estamos no domínio dos pseudoprefixos, ou prefixoides, campo profundamente investigado por alguns autores¹³ que apresentam características específicas relacionadas com o acento e a braquissmia. Esta situação repete-se no campo dos sufixos, havendo também casos em que há elementos considerados pseudossufixos ou sufixoides.

Relativamente a formas prefixadas, estes elementos possuem acento próprio (DUARTE, 2008, p. 110-112), daqui resultando que, na formação de palavras, se verifica um esquema acentual em que o elemento prefixado apresenta um acento secundário que se revela importante quando a palavra é truncada, já que permite distinguir os elementos constitutivos da palavra. Assim, em casos como o de 'hipermercado' ou 'microfone', é possível distinguir o acento principal (1 ou 3) e um acento secundário (1 ou 2)¹⁴:

<u>h</u> ipermerc <u>a</u> do	<u>m</u> icrof <u>o</u> ne
2 3	2 3

Caso diferente é o de formas em posição sufixal: nos advérbios em *-mente*, por exemplo, a sílaba tónica não se encontra na base, mas sim no elemento sufixado, como vemos em 3 (DUARTE, 2009, p. 132-133):

¹³ É o caso, por exemplo, de Jordan e Manoliu, Li Ching, Cunha e Cintra ou Sandmann, cujos pontos de vista foram analisados ao pormenor, por exemplo, por Duarte (1998, 1999, 2008) ou Silva (2008).

¹⁴ Vide MATEUS/FROTA/VIGÁRIO, 2003, 1058-1059.

dis₂creta₃mente

Para além disto (DUARTE, 2008, p. 103), neste âmbito, é possível encontrar em alguns casos fenómenos de braquissesmia mórfica ou sintática. Assim, podemos utilizar apenas o elemento prefixado (que possui acento próprio) pelo todo da palavra ('hiper', 'micro'), sem que esta perca a sua significação (caso em que estamos perante ocorrências de braquissesmia mórfica) ou utilizá-lo numa série em que só o último elemento prefixado se associa a uma palavra ('hiper ou hipotermia'; 'micro ou macroestrutura' – trata-se de casos de braquissesmia sintática). Neste último caso também encontramos esta situação com elementos sufixados (DUARTE, 2009, p. 132-133): 'direta e indiretamente'; 'única e exclusivamente'.

O acento e a braquissesmia são, assim, dois critérios importantes no caso das formas que pretendemos estudar e que se inserem num conjunto de elementos cujo estatuto não é já claro para o falante, parecendo situar-se entre a composição e a derivação.

O caso de pseudo

1. Origem etimológica

Pseudo (de *Ψευδής, ής, ές* (adjetivo) – mentiroso, falso, enganador, erróneo) está documentado sobretudo a partir do século XIX (surge no Dicionário de Frei Domingos Vieira, 1873). Por influência do desenvolvimento da linguagem científica internacional, terá nessa época dado origem a palavras como *pseudo-artrose*, *pseudocampo*, *pseudoberilo*, *pseudocristo*, *pseudógrafo*, *pseudomorfo*, *pseudopia*, *pseudónimo* (Machado (1977) considera ser de origem mais antiga, mas não procede a datação) e, depois, a outras mais recentes como *pseudodíptero*, *pseudodoxo*, *pseudografia*, *pseudologista*, etc..

A nível das gramáticas históricas e dicionários, é tratado como um radical, elemento (COUTINHO, 1938); SEQUEIRA, 1938; VASCONCELOS, 1900; PEREIRA, 1935) ou prefixo grego (SILVA JÚNIOR, 1878), como um elemento de composição culta (MACHADO, 1977), um elemento prefixado de compostos (COROMINAS, 1984), ou um antepositivo (HOUAISS, 2003). Já segundo Cunha e Cintra (1984), é um elemento que se integra no processo de recomposição, sendo

considerado, pelos autores, um pseudoprefixo ou prefixoide.

Neste âmbito, apresenta um comportamento similar a outros pseudoprefixos, nomeadamente a nível do acento e da braquissesmia.

2. Características observadas no português

No português atual, *pseudo* é um elemento neoclássico muito rentável, na medida em que surge na formação de inúmeras palavras.

Por norma, surge em posição inicial (à esquerda do elemento com que se concatena), mas há dois casos documentados em que surge à direita: “À época, estávamos entre a *dependência-pseudo* do neo-realismo e a *independência-pseudo* dos presencistas”¹⁵.

Esta não é, contudo, a posição canónica deste elemento e o facto de estarmos diante de um contexto provável de crónica literária, passível de inovação estilística, permite-nos considerar que estamos perante dois casos especiais que não descrevem aquilo que é o uso corrente da língua.

De facto, *pseudo* não surge como forma livre, concatenando-se sempre com outra palavra por norma em posição fixa, à esquerda, e, em termos de escrita, tanto pode surgir sem qualquer separação (1), como pode aparecer isolado por hífen (2), entre parênteses (3) ou mesmo separado apenas por um espaço (4).

- (1) *pseudocandidatura*
pseudocientífica
- (2) *pseudo-apelo*
pseudo-ética
- (3) (*pseudo*) *escolaridade*
(*pseudo*) *elitista*
- (4) *pseudo acordo*
pseudo agradáveis

Este fenómeno é característico dos pseudoprefixos, como vimos anteriormente nos casos de *hiper* ou *micro*, por exemplo, dado que eles possuem autonomia a nível de acento. E, de facto, *pseudo* junta-se sempre a bases simples (5) ou complexas (6), que possuem autonomia (ou seja, pertencem a uma categoria sintática), que se mantém, tal

¹⁵ Exemplo retirado do *CetemPúblico*.

como o acento, que é distinto do acento do elemento prefixado. Neste processo, encontramos, assim, o seguinte esquema acentual:

- (5) $\underset{2}{pseudopul} \underset{3}{ré}$
 $\underset{2}{pseudo} \underset{3}{medo}$
 (6) $\underset{2}{pseudo} \text{-} \underset{3}{despersonaliza} \underset{3}{ção}$

Para além de, a nível do acento, 'pseudo' revelar um comportamento idêntico ao dos pseudoprefixos, encontrámos também evidências de braquissemia mórfica (7) e sintática (8)¹⁶:

- (7) "Que pensar de **sociedades**, aliás, **pseudo**, que cedem as quotas por fortunas (...)"
 (8) "No final da reunião, as distritais (...) rejeitam «qualquer cenário de **pseudo ou proto-candidaturas**».

Para além disto, *pseudo* tem sempre um sentido adjetival concordante com a forma grega que lhe deu origem, concatenando-se, como vemos pelos exemplos já dados, com bases que são nomes e adjetivos. No entanto, estas não são as únicas com que pode ocorrer. De facto, *pseudo* é muito produtivo, na medida em que, para além de ocorrer com as bases referidas, também surge com:

- formas verbais: regista-se apenas um caso – *pseudo-justificar*;
- pronome pessoal: regista-se um caso, que parece ser um fenómeno de conversão – *pseudo-eu*¹⁷;
- empréstimos de outras línguas: é extremamente produtivo a este nível – *pseudo-reggae*, *pseudo-nursery rhyme*, *pseudo-jazzístico*, *pseudo-lynchiano*, *pseudo-gags*, *pseudo-western*, (apresentadores em) *pseudo-off*, *pseudo-vodka*, *pseudo-Rolox*, *pseudo-gay*, *pseudo-rambos*, *pseudo-Elvis*, *pseudo-thriller*, etc.;
- siglas: registam-se dois casos – pseudo-RASD, pseudo-MVM;

¹⁶ Exemplos retirados do *CetemPúblico*.

¹⁷ Exemplo retirado do *Corpus Davies/Ferreira*: «o iluminado é apenas um ser aparente, um pseudo-eu que se anula» (in Costa, Eduardo Alves da, *A Sala do Jogo* (1989)).

- com palavras compostas ou derivadas, permitindo a recursividade: *pseudo-anti-capitalismo*, *pseudo-superesquadras*, *pseudo-superauto estrada*.

Por fim, é extremamente interessante notar que se encontram casos em que *pseudo* combina em género ou número com a palavra com que se concatena, ao invés de manter apenas a forma masculina singular: *pseuda justa causa*¹⁸, *pseudos símbolos*¹⁹. Assume, assim, características flexionais adjetivas, tal como o vocábulo grego que lhe está na origem. Este fenómeno foi identificado por Houaiss (2003): “modernamente, em linguagem informal, que não pertence ao dialeto culto, vem sendo empregado como adjetivo, mas ainda antepositivo (*pseudos amigos*, *pseudas flores*)”²⁰.

O caso de teca

1. Origem etimológica

Teca, (de *θήκη,ής* (nome feminino) – caixa, cofre, sepulcro, bainha) –, a nível das gramáticas históricas e dicionários é tratado como um radical ou elemento grego (COUTINHO, 1938; SEQUEIRA, 1938) ou um determinado (SEQUEIRA, 1938), sendo considerado um elemento de composição culta (MACHADO, 1977), um antepositivo ou um pospositivo (HOUAISS, 2003)²¹. Segundo Cunha e Cintra (1984, p. 112-113), é um radical grego utilizado na formação por composição, nomeadamente na composição de eruditos, funcionando, preferencialmente, como segundo elemento do vocábulo formado.

2. Características gerais

Houaiss (2003) refere que *teca* pode surgir como um antepositivo, ocorrendo em cultismos ligados sobretudo à área da botânica a partir do séc. XIX. Alguns exemplos são *teca*, *tecácerá*, *tecácoris*, *tecadáctilo*, *tecáfóra*, *tecameba*, *tecápode*, *tecígero*, *tecodonte*, *tecofileia*, *tecóforo*, *tecopsoira* e *tecostele*. Dado que também pode ocorrer à direita, como veremos, isto poderia indicar que se trata de uma forma que não

18 Exemplo retirado do *CetemPúblico*.

19 Exemplo retirado do *Corpus Davies/Ferreira* (in AZEVEDO, Aluísio, *O Touro Negro* (1938))

20 Houaiss (2003: s.u. ‘pseudo’).

21 Corominas (1984: s.u. ‘teca’) refere a presença da forma *ateca*, mas não conhece testemunhos, embora dê indicação da existência de algumas formas castelhanas em ‘teca’.

poderia ser colocada na categoria de afixo. No *corpus* que estudámos, contudo, estes compostos nunca surgem, o que nos leva a pensar que se tornaram casos raros em que o uso do elemento *teca* isolado ou à esquerda do elemento com que se concatena é muito restrito, já antigo e surge apenas na composição de base científica.

Bastante rentável é a forma posposta, à direita, que surge não apenas em helenismos como *biblioteca*²², mas também na formação de outras palavras que implicam todas a noção de “coleção, local de guarda de coleções”²³. Neste âmbito, tem, em todos os casos em que ocorre, um sentido nominal, aproximando-se do sentido da forma que lhe deu origem. Revela, assim, ser monossémica e possuir transparência semântica, embora o seu significado etimológico possa não ser claro para um falante não familiarizado com as línguas clássicas.

Nos casos em que aparece em posição final, pode ocorrer com bases que podem ser autónomas (9) ou não (10) e ainda com elementos do mesmo tipo (11):

- (9) *cinemateca*
teatrotecas
lexicoteca
partoteca
- (10) *diapoteca*
mapoteca
filmotecas
- (11) *hemerotecas*
imagoteca
ecoteca
enoteca

Note-se que, nos exemplos apresentados, todas as bases são nomes, mas que há também a possibilidade de este elemento ocorrer junto de siglas. É o que vemos no exemplo que se segue, em que uma mesma sigla surge grafada de diferentes formas²⁴:

22 Houaiss (2003: s.u. ‘teca’) refere ainda formas eruditas como *brioteca*, *carpoteca*, *dimorfoteca*, *endoteca*, *fitoteca*, *gliptoteca*, *grafoteca*, *hoploteca*, *iconoteca*, *zincoteca*, *zooteca*.
23 *Ibidem*.

24 Há ainda o curioso caso de *gibiteca*, cujo primeiro elemento provém do título de uma revista brasileira de banda desenhada (*Gibi*) que, por conversão, passa a designar qualquer revista desse tipo.

- (12) *BDteca*
bêdeteca
bedêteca

Neste processo, altera o acento da base, pelo que, no esquema acentual, é responsável pela sílaba tónica, correspondendo à base um acento secundário, como vemos em 13:

- (13) *ci₂nema₃'teca*
lexico₂'teca
h₂mero₃'tecas

Esta situação também surge com outros elementos considerados sufixoides (veja-se DUARTE, 2009, p. 132), como é o caso de *-mente* (14):

- (14) *es₂plendida₃'mente*

Note-se, contudo, que não há lugar ao fenómeno de braquissemia, contrariamente ao que acontece com *-mente*, por exemplo ('feliz e infelizmente'; 'doce e generosamente'). De facto, os exemplos encontrados demonstram precisamente a ausência de braquissemia, como vemos em 15²⁵:

- (15) A nova biblioteca de Mangualde é composta por (...) videoteca e fonoteca com obras nacionais. Visita as obras da Biblioteca, Ludoteca e Videoteca do Seixal, e os moinhos-de-Maré de Corroios. O centro dispõe de bar, biblioteca, hemeroteca e videoteca.

Para além disto, este elemento é responsável pela atribuição das categorias de género (sempre [+fem]) e número:

- (16) *musicoteca*
medicoteca

²⁵ Exemplos retirados do *CetemPúblico*.

mediatecas
filmotecas

Por fim, este elemento parece também desencadear alomorfias (caso de 17, em que encontramos *filmo* por *filme*, *mapo* por *mapa* ou *ludo/lude*) e truncamentos (caso de 18, em que encontramos *cine* por *cinema* ou *pedago* por *pedagogia*):

- (17) *filmoteca*
*mapoteca*²⁶
ludoteca/ludeteca
- (18) *cineteca*
pedagoteca

Conclusão

A análise detalhada das ocorrências de *pseudo* e *teca* no português europeu permitem-nos tirar algumas conclusões interessantes sobre a forma como os falantes utilizam estes elementos na formação de novas palavras.

No caso de *pseudo*, apercebemo-nos de que, contrariamente ao que está definido para os 'compostos eruditos' tradicionais, este elemento nem sempre se junta a elementos gregos e latinos, ocorrendo junto de elementos que têm sempre autonomia. Note-se que estes elementos autónomos funcionam como uma base a que *pseudo* se junta, parecendo tornar-se um elemento preso com posição fixa (à esquerda).

A este comportamento, distinto, em alguns casos, da composição erudita tradicional, juntam-se algumas características que aproximam *pseudo* dos prefixos. De facto, é monossémico ([*pseudo*[X]] = <falso X>), não determina as propriedades da palavra, dado que não afeta a sua categoria sintática (*justificar*_v/*pseudo-justificar*_v; *fraude*_N/*pseudofraude*_N), propriedades morfológicas como o género ou o número (*pseudociência*_[+fem,+sing]/*pseudocandidatos*_[+masc,+pl]) ou o seu acento principal (*pseudoprofundo*). Registe-se, neste último caso, que *pseudo*

²⁶ Nestes dois primeiros exemplos, existem outras formas que parecem comprovar a alomorfia: *filmografia*, *filmógrafo*, *filmologia*; *maporama*, *Mapopolis*. Note-se, contudo, que é possível que a vogal -o- surja por influência de outros vocábulos, como *teatroteca*, *partoteca*, etc.

mantém o seu acento, uma das razões que permite a braquissemia e que conduz a que possa ser considerado um pseudoprefixo. Para além disto, provoca alterações semânticas na base (liberdade ≠ pseudoliberdade), seleciona bases com categorias sintáticas diferentes e permite a recursividade, como vimos.

Note-se, por fim, que, para além de tudo isto, está a sofrer o interessante fenómeno de voltar a manifestar, tal como acontecia em grego, propriedades morfológicas de género e número. Assim sendo, depois de ser um elemento neoclássico que formava a composição erudita propriamente dita e de apresentar características que o aproximam dos prefixos e, conseqüentemente, da derivação, parece encontrar-se em processo de readquirir características que o vocábulo que lhe deu origem tem.

No caso de *teca*, encontramos um elemento que é monossémico ([[X]teca] = 'X local de coleção') e que, como *pseudo*, nem sempre ocorre junto de elementos gregos e latinos, mas tanto se junta a formas presas como a bases fixas.

No caso das bases com autonomia, *teca* parece ser, na maioria das vezes um elemento preso. Apresenta, assim, um comportamento próximo dos sufixos, com os quais partilha algumas características: altera a base a nível de acento principal (*disco/discoteca*), na medida em que assume a sílaba tónica a nível do esquema acentual, é responsável pela atribuição das categorias de género e número (*teatrotecas*_[+fem,+pl]) e parece desencadear fenómenos de alomorfias e truncamentos.

Por tudo isto, parece-nos que tanto *pseudo* como *teca* são dois elementos neoclássicos que, apesar da sua especificidade, possuem, neste momento da língua portuguesa, propriedades que não permitem que sejam olhados apenas como elementos de composição de formas eruditas. Na realidade, e como demonstrámos, o seu uso aproxima-os do comportamento dos prefixos (no caso de *pseudo*) e sufixos (no caso de *teca*), embora não rejeitem as suas características anteriores, que lhes permitem continuar a ser produtivos na composição de novas palavras.

É nosso entender, assim, que se situam entre a composição propriamente dita e a derivação, fazendo parte de um processo que ainda não está bem explicado ou definido na Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

ALI, M. A. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

BRAGA, T. **Grammatica Portugueza Elementar (Fundada sobre o methodo historico-comparativo)**. Porto: Livraria Portugueza e Estrangeira, 1876.

CAETANO, M. C. **A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de algumas correlações sufixais**. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2003.

CAETANO, M. C. A meio caminho entre a derivação e a composição. In: **Estudos linguísticos / Linguistic Studies**, Lisboa, v. 5, p. 131-140, 2010.

CAETANO, M. C. Formação de Palavras em Português. Os sufixóides e a vulgarização dos formantes eruditos. In: **Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: APL/ Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1995, p. 517-528.

CÂMARA JR., J. M.. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CARVALHO, H. **Teoria da Linguagem** (vol. II). Coimbra: Coimbra Editora, 1984.

COROMINAS, J. **Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico**. Madrid: Gredos, 1984.

COUTINHO, I. L. **Pontos de Gramática Histórica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

CUNHA, C. / CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Lisboa: Edições Sá da Costa, 1984.

DUARTE, P. M. T. Contribuição para o estudo do pseudoprefixo em Português. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 343-353, 1999.

DUARTE, P. M. T. Fronteiras Lexicais: sugestão para uma delimitação dos Prefixóides em Português. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, Ano 14, n. 42, p. 101-117, set./dez.2008.

DUARTE, P. M. T. O prefixo e suas diversas abordagens. **Alfa**, São Paulo, v. 42 (n. esp.), p. 33-56, 1998.

DUARTE, P. M. T. O Sufixo -mente em Português. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 45, p. 123-136, set./dez.2009.

FABB, N. Compounding. In: SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold M. (edd.). **The Handbook of Morphology**. Blackwell Reference Online, 2001. Disponível em: <http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9780631226949_chu nk_g97806312269496>. Acesso em: 28 set. 2012.

HORTA, B. **Noções de Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editores J. R. de Oliveira, s.d..

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Lisboa: Temas e

Debates, 2003.

HUBER, J. **Gramática do Português Antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

LIEBER, R. English Word-Formation Processes. Observations, Issues, and Thoughts on Future Research. In: STEKAUER, Pavol; LIEBER, Rochelle (edd.) **Handbook of Word-Formation**. The Netherlands: Springer, 2005, p. 375-427.

MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

MARCHAND, H. **The categories and types of present-day English word-formation**. München: Beck 1969.

MARTINS, J. S. **Elementos de Gramática Histórica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s.d..

MATEUS, M. H. M.; FROTA, S.; VIGÁRIO, M. Prosódia. In MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FÁRIA, I. H.; FROTA, S.; MATOS, G.; OLIVEIRA, F.; VIGÁRIO, M.; VILLALVA, A. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003, 1035-1076.

MATEUS, M. H. M.; ANDRADE, A.; VIANA, M. C.; VILLALVA, A. **Fonética, Fonologia e Morfologia do Português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

MOTA, O. **O Meu Idioma**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro : Livraria Académica, 1952.

NASCENTES, A. **O Idioma Nacional**. Vol. IV. Rio de Janeiro: Livraria Machado, 1929.

NUNES, J. J. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)**. Lisboa: Clássica Editora, 1989.

PEREIRA, E. C. **Gramática Histórica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

REINHARDSTOETTNER, C. **Grammatik der Portugiesischen Sprache**. Strassburg, Karl J. Trübner, 1878.

RONDINI, R. B.; GONÇALVES, C. A. V. Formações X-logo e X-grafo: um caso de deslocamento da composição para a derivação? In: **Actas do XXI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: APL/ Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006, p. 533-546.

SEQUEIRA, F. J. M. **Gramática de português**. Lisboa: Livraria Popular, 1938.

SILVA JUNIOR, M. P. / Lameira de Andrade. **Grammatica da Lingua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1887.

SILVA JUNIOR, M. P. **Grammatica Historica da Lingua Portugueza**. Rio de Janeiro: Typ. a Vapor de D.M. Hazlett, 1878.

SILVA, A. P. A. O conceito de Pseudoprefixo ou Prefixoide. In Maria Teresa Tedesco e Vanise Medeiros (org.). **Travessias nos Estudos de Língua Portuguesa – Homenagem a Evanildo Bechara e Olmar Guterres**. Rio

de Janeiro: Dialogarts, 2010, p. 16-26.

SILVA, A. P. A. Os Pseudoprefixos ou Prefixoides. **Revista de Villegagnon**, Escola Naval, v. 3, p. 108-113, 2008.

VAL ÁLVARO, J. F. La Composición. In: BOSQUE, Ignacio I.; DEMONTE, Violeta V. (edd.) **Gramática Descriptiva de la Lengua Española** (vol. III: *Entre la oración y el discurso / Morfología*). Madrid: Real Academia Española / Fundación José Ortega y Gasset / Editorial Espasa, 1999, p. 4757-4841.

VASCONCELOS, C. M. **Lições de Filologia Portuguesa, segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13, seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico**. Lisboa: Dinalivro, [1946] s.d.

VASCONCELOS, J. L. **Lições de Filologia Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1911/1959.

VASCONCELLOS, A. G. R. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. Paris/Lisboa: Aillaud, Alves, 1900.

VILLALVA, A. **Estruturas morfológicas. Unidades e hierarquias nas palavras do português**. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994 (publicada em 2000, em Lisboa, pela Fundação Calouste Gulbenkian / FCT).

VILLAVA, A. Formação de palavras: afixação. In MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H.; FROTA, S.; MATOS, G.; OLIVEIRA, F.; VIGÁRIO, M.; VILLALVA, A. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003, 939-967.

VILLAVA, A. Formação de palavras: composição. In MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H.; FROTA, S.; MATOS, G.; OLIVEIRA, F.; VIGÁRIO, M.; VILLALVA, A. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003, 968-983.

WILLIAMS, E. **Do Latim ao Português. Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa**. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1961.

Recebido em 10 de julho de 2012.

Aprovado em 20 de setembro de 2012.